

O PAPEL MEDIADOR DE ERDOGAN NA UCRÂNIA NÃO PODE SER DESCARTADO

Por M. K. Bhadrakumar*



O presidente Tayyip Erdogan fala a seus apoiadores em Istambul, 28 de maio de 2023 (Murad Sezer/Reuters).

Ainda que enfrente dificuldades, Erdogan mostrou mais uma vez que é um líder forte, e certamente será o primeiro da fila para um papel de mediador do conflito na Ucrânia.

Entre as inúmeras implicações para a segurança internacional decorrentes da [vitória eleitoral](#) do presidente turco Recep Erdogan no segundo turno de domingo – seja no Mar Negro, no Mediterrâneo Oriental, na Transcaucásia, na Ásia Ocidental ou na integração da Eurásia –, o que se destaca é seu papel mediador no conflito na Ucrânia.

A comunidade internacional coloca a China como líder na corrida pela paz na Ucrânia, mas não se surpreenda se Erdogan ultrapassar Xi Jinping na linha de chegada. O governo japonês em sua mensagem de felicitações a Erdogan expressou a esperança de cooperação para aproximar uma solução pacífica para o conflito na Ucrânia e garantir a segurança na região.

Moscou caminhou em uma linha tênue durante a campanha eleitoral turca, o que é um reconhecimento tácito do fato de que Erdogan é um governante forte. A Rússia precisará estar atenta, já que Erdogan também pode ser ferozmente independente e teimoso. Da mesma forma, é errado supor que a ponte transatlântica da Turquia se rompeu. Erdogan está no auge de seu poder e Washington tem plena consciência disso. Assim, no triângulo turco-americano-russo, Erdogan está atualmente em vantagem.

Significativamente, um diplomata russo de alto escalão no Ministério das Relações Exteriores da Rússia reiterou na véspera da eleição turca que o fornecimento contínuo de armas de Ancara para a Ucrânia prejudicou suas credenciais para ser um mediador entre Moscou e Kiev.

Como [disse o diplomata](#), “Ancara declarou repetidamente sua intenção de garantir um rápido cessar-fogo na Ucrânia e reviver o processo de negociação por meio de sua mediação. O fornecimento de armas e equipamentos militares ao regime de Kiev contradiz diretamente essas intenções e está em desacordo com o papel de mediador”.

De fato, uma empresa turca, a Baykar Makina, de propriedade de um parente de Erdogan, forneceu às forças ucranianas seus drones de reconhecimento e ataque Bayraktar TB2 nas fases iniciais do conflito. Falou-se até que a empresa turca estava montando uma fábrica para produzir o drone avançado na Ucrânia e que a fase de projeto detalhado da planta foi concluída.

A Turquia e a Ucrânia também assinaram no ano passado um acordo para estabelecer uma segunda fábrica na Ucrânia, depois que os dois países aprofundaram sua cooperação na indústria de defesa para a coprodução de motores cruciais para veículos aéreos e transferência de tecnologia. Os drones Bayraktar TB2 da Baykar têm um histórico comprovado de sucesso em conflitos na Líbia, Síria e Nagorno-Karabakh.

A Ucrânia se destaca na cadeia de suprimentos da Baykar, especialmente com o novo drone de carga pesada, Akinci, e o caça a jato não tripulado, Kizilelma, ou “Golden Apple”. Ambos usam motores ucranianos da Motor Sich MSICH.UAX e da Ivchenko-Progress. A Baykar esperava arrecadar cerca de US\$ 1 bilhão em receitas de exportação no ano passado, cerca de 50% a mais do que em 2021 (US\$ 650 milhões), e um crescimento adicional de 50% é esperado em 2023. Mais uma vez, desde agosto do ano passado, Ancara também forneceu a Kiev veículos blindados “Kipri” resistentes a minas para os militares da Ucrânia.

No entanto, Moscou está longe de ser ameaçadora. Em vez disso, a abordagem russa é colocar um anel de noivado no dedo de Erdogan e torná-lo cativo da ótica de uma grande amizade entre os dois presidentes. Em sua mensagem de felicitações a Erdogan, Putin o [chamou de “querido amigo”](#).

A Turquia organizou negociações de paz em Istambul entre as delegações russa e ucraniana em março do ano passado, um mês após o início da operação militar especial de Moscou. Isso resultou em um acordo. Mas Washington e Londres ficaram tão confusos que uma enorme guerra de informações foi desencadeada pelo MI6 sobre um suposto “massacre” de civis em Bucha, perto de Kiev, pelas tropas russas. O então primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, correu para se encontrar com Zelensky com uma oferta de que a Ucrânia tinha uma opção muito melhor de receber ajuda militar ocidental e derrotar a Rússia.

Claro, tudo isso é história agora. Mas não há dúvida de que, se Zelensky mudar de ideia, Erdogan intervirá. A propósito, a Turquia rejeita a anexação da Crimeia pela Rússia. O colapso do acordo de Istambul não desencorajou Ancara de mediar um

acordo de grãos entre Moscou e Kiev junto com a ONU no verão passado, que ainda está funcionando.

A Turquia pediu repetidamente que as negociações de paz fossem retomadas, oferecendo seus serviços como mediadora. Ainda no final de março, Erdogan disse que a paz na Ucrânia poderia ser alcançada por meio de “mediação séria e determinada”. Enquanto isso, o “relacionamento especial” de Erdogan com Putin ajudou a garantir a mais recente extensão do acordo de grãos.

Erdogan defende uma “abordagem equilibrada” em relação à Rússia e frequentemente interage com Putin. A Turquia é o único país membro da OTAN que se recusa a impor sanções contra a Rússia. Dito isso, Erdogan também [mantém uma linha aberta](#) com o presidente Biden. De sua parte, Biden transmitiu suas saudações a Erdogan poucas horas após o resultado da eleição no domingo. Biden pediu cooperação para enfrentar “desafios globais”.

Washington jogou pelo seguro na eleição turca, dizendo que lidaria com quem ganhasse. Claramente, Washington percebe que Erdogan estará liderando uma presidência forte e não será uma tarefa fácil, e os EUA não podem se dar ao luxo de alienar a Turquia, já que a crise na Ucrânia está atingindo um ponto crítico. A relação turco-americana nunca foi fácil, mas ambos os lados estão acostumados a mantê-la em equilíbrio. Sem a Turquia, a OTAN perde força no Mediterrâneo Oriental, enquanto a Turquia precisa do Ocidente para equilibrar sua autonomia estratégica. A prioridade de Washington no momento será dissuadir a Turquia de ajudar a Rússia a contornar as sanções.

A grande questão é se Zelensky estará disposto a retornar às negociações de paz. Em comparação com a situação do ano passado nas conversações de Istambul, Zelensky tem uma mão fraca. A Rússia ganhou vantagem no campo de batalha. Os “novos territórios” da Rússia – os *oblasts* de Lugansk, Donetsk, Zaporizhya e Kherson – são fatos novos no terreno.

Portanto, as negociações de paz tornaram-se um paradigma de probabilidade complexa que é inerentemente multidimensional e, pode-se dizer, uma mudança nessa direção por parte de Zelensky dependerá de sua observação, compreensão e interação com a mudança radical na situação do terreno como bem como no jogo de poder dentro de seu próprio campo.

O partidarismo na estrutura de poder em Kiev agravou-se ultimamente. O inexplicável “desaparecimento” da visão pública do comandante-em-chefe, general Valery Zaluzhny, nas últimas semanas desde 13 de abril; a ascensão do chefe de inteligência Kyrylo Budano (que tem apoio americano); o esvaziamento das forças armadas ucranianas, que sofreram uma série de reverses ultimamente; a procrastinação no lançamento da “contraofensiva” – tudo isso sugere que uma séria insatisfação está crescendo entre os militares contra a liderança de Zelensky.

Consequentemente, as perspectivas de negociações de paz diminuíram. Mas isso não impedirá que Erdogan e Putin aprofundem a cooperação turco-russa, que é abrangente e rica em conteúdo. Diferentes percepções ou pontos de vista não

desencorajaram os dois líderes que estão fundamentalmente comprometidos com o relacionamento “ganha-ganha”.

Portanto, se e quando o clima para negociações de paz na Ucrânia melhorar, Erdogan certamente será o primeiro a se posicionar para um papel de mediador.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M. K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afeganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
